

A concepção de cultura nas atividades da ONG Fundação Casa Grande

Marcia Maria XIMENES¹
Catarina Farias de OLIVEIRA²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE
Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

A ONG Fundação Casa Grande desenvolve atividades em seis programas e 12 laboratórios com objetivos diversos. Acompanhando essas atividades, percebe-se que a cultura está presente em todas elas, e a questão da preservação e da divulgação da cultura local da região do Cariri é a base dessa presença. Compreender como a cultura perpassa essas atividades e qual concepção de cultura fundamenta a atuação da ONG é o principal objetivo deste artigo. Com as leituras de Cucho (2002) e Laraia (2009), foi realizado um panorama da palavra e do conceito científico de cultura, mais especificamente como apontada nas ciências sociais. Por meio do relato das atividades que a ONG desenvolve, relacionou-se a atuação da mesma com as discussões dos autores Marcuse (1999), Ortiz (1985), Ridente (2010) e Yúdice (2006). Chegou-se à compreensão de uma cultura instrumentalizada e a elitizada na proposta da ONG.

PALAVRAS-CHAVE: ONG; comunicação; mobilização sócio-cultural.

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC) sob orientação da professora doutora Catarina Oliveira. Participa do grupo de pesquisa Mídia, Cultura e Políticas, coordenado pelas professoras doutoras Márcia Vidal e Catarina Oliveira. E-mail: marcitaximenes@gmail.com

² Professora Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora adjunta XI da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: catarinaoliveira30@gmail.com

1 Introdução

Existente há 20 anos na região do Cariri, ao sul do Estado do Ceará, a ONG Fundação Casa Grande- Memorial do Homem Kariri desenvolve, em seis programas e 12 laboratórios, atividades das mais diversas. Desde um memorial que reúne materiais arqueológicos da origem do povo Kariri até veículos de comunicação (como uma rádio comunitária, uma editora e uma produtora de vídeo), essas atividades envolvem também questões como meio ambiente e esporte. Ao observar a atuação da ONG, percebemos que a cultura faz parte de todas essas atividades. Mais do que isso, a preservação e a divulgação da cultura local da região do Cariri é o elemento principal dessa presença.

Compreender de que forma a cultura perpassa as atividades da Fundação Casa Grande e, conseqüentemente, qual concepção de cultura fundamenta a atuação desta ONG é o principal objetivo deste artigo e também base das reflexões da pesquisa em desenvolvimento³. Para isso, é necessário entendermos de que concepção de cultura estamos falando, como também conhecermos quais são e como se desenvolvem as atividades que fazem parte da atuação da ONG Fundação Casa Grande.

Assim, o artigo foi estruturado em dois momentos. No primeiro, traçamos uma breve reflexão sobre a gênese da palavra e da ideia de cultura. No segundo momento, identificamos qual é o lugar da cultura nas atividades da Fundação Casa Grande, apresentando brevemente os programas e os laboratórios da ONG e apontando elementos que compõem a concepção de cultura da mesma.

2 Para compreender a gênese da palavra e da ideia de cultura

Por meio da leitura de Denys Cuhe (2002) e Roque de Barros Laraia (2009), ratificamos a ideia, já bastante difundida, de que a cultura tem caráter multidisciplinar, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras. Essas leituras mostram a existência de diferentes enfoques e usos pelos quais a cultura é tratada em cada uma dessas áreas. Acreditamos que isso aconteça certamente pela dinâmica transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana.

³ Desde março de 2012, sob orientação da professora doutora Catarina Oliveira, a mestrandia Marcia Ximenes desenvolve uma pesquisa no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará sobre a ONG Fundação Casa Grande e o laboratório audiovisual da mesma, a TV Casa Grande. Como questão central, procura-se compreender a relação entre a ONG e os moradores da cidade de Nova Olinda, onde ela está localizada. Na pesquisa maior, na qual o presente artigo está inserido, a etnografia é a metodologia utilizada por meio de estratégias metodológicas, entre outras, como a observação participante e o diário de campo.

A palavra cultura vem da raiz semântica *colore*, que gerou o termo em latim *cultura*, de significados diversos como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração (WILLIAMS, 2007, p. 117). Este sentido da palavra cultura como uma ação prolongou-se até o final do século XVI. A partir do século XVII, o termo passa a ter um sentido mais figurado.

O uso de “cultura” entre os franceses é decisivo para formação do conceito utilizado hoje pela Sociologia e pela Antropologia. A palavra “cultura” aparece no francês em fins do século XIII para designar uma parcela de terra cultivada. No século XVI, ela não significa mais um estado, da planta cultivada, mas uma ação, o ato de cultivar a terra. No século XVII, é difundido, na França, o seu sentido figurado e “cultura” passa a designar uma faculdade, ou seja, o poder de fazer algo. (CUCHE, 2002). Para Cucho (2002), posteriormente, “cultura” volta a designar para os franceses um estado, não do cultivo da terra, mas do cultivo do “espírito”. Segundo o autor, este uso se consolida no fim do século XVII, pelo *Dicionário da Academia* publicado em 1798. O século XVIII pode ser considerado como o período de formação do sentido moderno do termo, consolidando a oposição conceitual entre “natureza” e “cultura”.

No vocabulário francês da época, o termo cultura também estava associada às ideias de progresso, de evolução, de educação e de razão. Cultura e civilização andavam de mãos dadas, sendo que a primeira evocava os progressos individuais e a segunda, os progressos coletivos. Neste sentido, há uma diferenciação entre o estado natural do homem, irracional ou selvagem, posto que sem cultura; e a cultura que ele adquire através dos canais de conhecimento e instrução intelectual. Decorre daí a ideia de que as comunidades primitivas poderiam evoluir culturalmente e alcançar o estágio de progresso das nações civilizadas. Este pensamento também deu origem a um dos sentidos mais utilizados em nossos dias, que caracteriza como possuidores de cultura os indivíduos detentores do saber formal.

Além de Cucho (2002), Raymond Williams (2007) também traz os séculos XVIII e XIX como o período de consolidação do uso figurado de cultura nos meios intelectuais e artísticos. Expressões como “cultura das artes”, “cultura das letras” e “cultura das ciências” demonstram que o termo era, então, utilizado seguido de um complemento, no sentido de explicitar o assunto que estava sendo cultivado.

Para Cucho (2002), a noção alemã de “cultura” se diferencia da noção francesa de “civilização” ao explorar o sentido mais particular de cultura nacional. Em oposição aos costumes “civilizados” da corte alemã, ligada à nobreza francesa, os intelectuais burgueses

alemães vão buscar reabilitar a língua alemã e definir o que os caracterizam como alemães. Como a unidade nacional alemã não estava ainda realizada e não era possível politicamente, a intelectualidade burguesa, investida da ideia de “missão nacional” de unificação, buscará uma unidade cultural. Esta é a razão pela qual a noção alemã de *Kultur* vai tender, cada vez mais, a partir do século XIX, para a delimitação e a consolidação das diferenças nacionais. Trata-se então de uma noção particularista que se opõe à noção francesa universalista de ‘civilização’, que é a expressão de uma nação cuja unidade nacional aparece como conquistada há muito tempo (CUCHE, 2002, p.27).

A evolução do significado de cultura no debate entre estes dois países marcou a formação das duas concepções de cultura que estão na base dos estudos das Ciências Sociais e da Antropologia. O entendimento francês de cultura como característica do gênero humano deu origem ao conceito universalista e etnocêntrico de cultura, no qual o conhecimento é associado ao processo educacional dos indivíduos e ao processo civilizatório. Já a concepção alemã de que a cultura é “um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade” (CUCHE, 2002, p.28) origina o conceito particularista da cultura.

Posteriormente, ficará mais evidente que a proposta de cultura adotada nos projetos da Fundação Casa Grande está mais próxima da concepção universalista e iluminista refletida pela sociedade francesa, embora outras compreensões da cultura venham compor essa proposta.

2.1 Construção do conceito científico de cultura

Em fins do século XVIII e início do século XIX, o termo alemão *kultur* e a noção francesa de *civilization* foram sintetizados por Edward Tylor (1832 – 1917) no vocábulo inglês *culture*, definido por ele como: “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (LARAIA, 2009, p.25). Sua definição abrange em uma palavra todas as possibilidades de realização humana, marcando fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata e natural. O conceito de cultura nos termos referidos acima foi definido pela primeira vez por Tylor, que foi considerado o fundador da Antropologia.

Para Laraia (2009), o conceito antropológico de cultura vai ter um conteúdo puramente descritivo, afastando-se de dizer o que é a cultura e atendo-se a descrever o que ela é tal como parece nas sociedades humanas. Esta definição aponta a cultura como expressão da totalidade da vida social do homem, caracterizando sua dimensão coletiva. A diversidade é explicada por ele como o resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução. Assim, uma das tarefas da Antropologia seria a de ‘estabelecer, *grosso modo*, uma escala de civilização’, simplesmente colocando as nações europeias em um dos extremos da série e em outro as tribos selvagens, dispondo o resto da humanidade entre dois limites (LARAIA, 2009, p.32).

Contrário à concepção evolucionista, Franz Boas (1858-1942), segundo Laraia (2009), foi um dos pesquisadores que mais influenciaram o conceito contemporâneo de cultura na antropologia americana. Ele é apontado como o inventor da etnografia por ter sido o primeiro antropólogo a fazer pesquisas com observação direta das sociedades primitivas. Laraia (2009) aponta que Boas, em seus estudos, concluiu que a diferença fundamental entre os grupos humanos era de ordem cultural e não racial ou determinada pelo ambiente físico. Sendo assim, defendia que, ao estudar os costumes particulares de uma determinada comunidade, o pesquisador deveria buscar explicações no contexto cultural e na reconstrução da origem e da história daquela comunidade. Assim, dessa constatação, Laraia (2009) conclui o reconhecimento da existência de culturas, no plural, e não de uma cultura universal.

Concordamos com Laraia (2002) quando ele diz, sobre a cultura, que “a discussão não terminou – continua ainda – e, provavelmente nunca terminará, pois uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene de uma incansável reflexão humana.” (LARAIA, 2002, p.65). Por ora, o que já nos foi possível discutir servirá de fundamentação para compreendermos a concepção de cultura que permeia as atividades da ONG em análise e que será apresentada mais detalhada ao longo do artigo. Entretanto, é possível apontarmos que essa noção mais centrada no conhecimento que associa a visão etapista e elitizada de cultura na sociedade permeará, em parte, a proposta da ONG Fundação Casa Grande. A dimensão mais plural sobre cultura desenvolvida pela antropologia em Franz Boas, que critica essa visão evolucionista francesa, não foi percebida por nós nesse primeiro momento da pesquisa na ONG.

3 Concepções de instrumentalização da cultura

Os processos de instrumentalização da cultura vão compor outra dimensão da proposta de mobilização sócio-cultural efetivada pela Fundação Casa Grande. No entanto, para comprovar esta afirmação, é preciso discutirmos quais autores debateram a cultura como instrumento de formação política e sócio-cultural.

Marcuse (1999) trata a arte como revolucionária em virtude de sua configuração estética e não por seu conteúdo político explícito. Autônoma, a arte, para Marcuse (1999), transcende as relações sociais e revoluciona a experiência na medida em que rompe com a percepção e compreensão da consciência dominante. Em outras palavras, a arte não é simples evasão da realidade, pelo contrário, a experiência estética alcança ao indivíduo em sua subjetividade, fora dos valores de troca da sociedade burguesa, tornando-se assim uma força de invalidação desses valores. (MARCUSE, 1999).

O autor propõe definir a "formação estética" como o resultado da transformação de um dado conteúdo (social, pessoal, histórico) em um todo independente: a obra de arte (poema, peça, quadro, etc.). A arte cria seu próprio universo, sua própria verdade, e desde ali ilumina a realidade. É por isso que essa autonomia, esse afastamento da arte do imediatismo da luta de classes, produz a negação da atitude "realístico-conformista". A obra representa a realidade, ao mesmo tempo em que a denuncia. A autonomia da arte contém o imperativo categórico: "as coisas têm de mudar. (...) Isto não significa que a revolução se torne temática; pelo contrário, nas obras esteticamente mais perfeitas, isso não acontece. Parece que, nessas obras, a necessidade da revolução é pressuposta como *a priori* da arte". (Marcuse, 1999: 24). Em síntese, embora Marcuse (1999) tenha uma visão elitista de cultura, o autor acredita que a arte é revolucionária em si e, portanto, não precisa ser instrumentalizada para a formação política revolucionária.

No contexto brasileiro, autores como Renato Ortiz (1985) e Marcelo Ridenti (2010) também tratam da instrumentalização da cultura, trazendo exemplos de utilização da cultura por movimentos políticos de esquerda na década de 60 do século XX. Ortiz (1985) traz como principal exemplo de como a cultura foi utilizada por movimentos políticos na época da Ditadura Militar no Brasil a experiência do CPC, Centro Popular de Cultura, vinculado à União Nacional dos Estudantes (UNE). Ao trabalhar mais especificamente sobre cultura popular, o CPC traz elementos que tratam a cultura como uma forma de tomada de consciência da população, com orientações voltadas para a esquerda.

Para o CPC, essa tomada de consciência da população, como salienta Ortiz (1985), só é possível por conta das atividades que o centro promovia, se autoreferenciando como detentor de uma cultura de qualidade e verdadeiramente revolucionária. (ORTIZ, 1999, p.74) No exemplo do CPC, vê-se claramente algo bastante parecido com a postura da ONG Fundação Casa Grande, quando se julga detentora do saber da verdadeira cultura local da região do Cariri.

Outro autor chegou a analisar diversos movimentos culturais do mesmo período do CPC, como o Cinema Novo e o Teatro de Arena. Marcelo Ridenti (2010) afirma que a arte trabalhada por estes movimentos, dos quais muitos artistas e intelectuais eram do Partido Comunista Brasileiro (PCB) ou compartilhavam com suas ideias, foi marcada pela chamada arte política, que pregava uma arte revolucionária, almejando educar o povo politicamente. Para o autor, valorizava-se o nacional e o popular na tentativa de se pensar e fazer a cultura genuinamente brasileira. Ao referir-se às influências dos comunistas na música, no cinema e no teatro, Ridenti (2010) explicita que os artistas e intelectuais comunistas foram agentes fundamentais da chamada brasilidade revolucionária, título do seu livro, mas critica o uso instrumentalizado da cultura.

George Yúdice (2006), que trata de uma nova perspectiva da cultura, voltada para a economia e aliada ao viés político, afirma que a cultura está sendo direcionada como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica. Para Yúdice (2006), a cultura é atribuída à resolução de problemas sociais, educacionais e econômicos.

O autor nos chama atenção afirmando que a cultura atualmente ocupa lugares como recurso em suas diferentes modalidades, seja aquela desenvolvida pelo mercado de bens simbólicos, talvez a mais alardeada desde o século XIX, até as mais recentes, que são as utilizações que o terceiro setor faz da cultura como recurso em suas propostas de formação de sujeitos e produções midiáticas que permeiam as práticas comunicacionais e culturais das ONGs neste terceiro setor. É importante evidenciar que: aquilo que Ortiz (1985) e Ridenti (2010) denominam de instrumentalização da cultura, Yúdice (2006) está chamando de utilização da cultura como recurso. Entretanto, este último autor não faz críticas como os demais ao uso da cultura como instrumento.

4 O lugar da cultura nas atividades da ONG Fundação Casa Grande

Para identificar qual é o lugar da cultura nas atividades que fazem parte da atuação da Fundação Casa Grande, é necessário apresentar os programas e os laboratórios da ONG.

Tomaremos como ponto de partida, para essa apresentação, dois vídeos produzidos pela TV Casa Grande, laboratório audiovisual que faz parte do programa de comunicação da ONG. Nos dois vídeos, podemos assistir a apresentações feitas pelas crianças e pelos adolescentes que participam da ONG. O primeiro vídeo foi produzido no ano de 2005 e é intitulado Meu Olhar. O guia que nos leva a conhecer a Fundação Casa Grande é Rodrigo que, na época do vídeo, tinha 10 anos de idade e era gerente da TV Casa Grande. A segunda produção audiovisual é intitulada Casa Grande Institucional e tem como guia Iêdo, na época, em 2011, com 13 anos de idade e então gerente do Memorial do Homem Kariri, laboratório que inicia a apresentação a seguir.

4.1 Apresentando programas e laboratórios

O Memorial do Homem Kariri foi o primeiro programa da ONG Fundação Casa Grande. Por isso, e por ser a porta de entrada da ONG, o memorial é o primeiro programa a ser apresentado nos dois vídeos. O memorial faz parte do programa de memória da ONG e expõe o acervo arqueológico e mitológico da Chapada do Araripe através de artefatos, fotografias e lendas ilustradas pelos meninos e meninas da Casa Grande. Nesse primeiro laboratório, a origem cultural da região do Cariri e, mais especificamente, da cidade de Nova Olinda, é o ponto principal. Juntamente com outros laboratórios, que serão apresentados a seguir, é muito forte a questão da preservação e da divulgação da cultura dos índios Kariri.

Apesar de não ser o próximo programa na ordem de apresentação dos recepcionistas mirins⁴ nas visitas guiadas e também no vídeo Casa Grande Institucional, o programa de comunicação é o segundo programa a ser apresentado por Rodrigo no vídeo Meu Olhar. O programa de comunicação da Fundação Casa Grande, chamado por eles de Escola de Comunicação da Meninada do Sertão, tem como objetivo, segundo o site da Fundação, produzir materiais educativos e formar leitores, ouvintes e telespectadores. Os projetos comunicacionais da Casa Grande dividem-se nos seguintes laboratórios: Casa Grande FM, Casa Grande Editora e TV Casa Grande.

⁴ Recepcionistas mirins é como são chamadas as crianças que recebem as visitas na Fundação Casa Grande e apresentam os programas e laboratórios da ONG. Atualmente, oito crianças, entre sete e doze anos de idade, fazem parte da equipe de recepcionistas mirins da Fundação Casa Grande. São eles que recebem os visitantes da ONG e apresentam todos os programas e laboratórios em visitas guiadas. Por ordem alfabética, são eles: Alícia (11), Augusto (12), Bruna (10), Letícia (8), Taynara (12) Thales (10), Tiago (7) e Yasmin (8).

Funcionando como rádio comunitária desde 1998, a Casa Grande FM obteve autorização definitiva⁵ homologada pelo Ministério das Comunicações através da portaria de número 60 do dia 22 de fevereiro de 2001, com uma potência de 25 watts, na frequência 104.9 Mhz. O sinal da rádio chega a todo o município de Nova Olinda e na zona rural de municípios vizinhos, como Altaneira, Crato e Santana do Cariri. A Casa Grande FM traz elementos mais característicos de uma rádio educativa do que exatamente uma rádio comunitária. Essa característica pode ser vista desse o slogan da rádio, “Aqui, nada se copia, tudo se cria. Exija qualidade e originalidade para seus ouvidos. Casa Grande FM, a rádio que educa”, até o estilo das músicas que tocam nos programas. Com a defesa de que as músicas que tocam na rádio são de qualidade e têm o objetivo de educar os ouvintes, a programação radiofônica da Casa Grande FM se distancia cada vez mais das músicas comumente tocadas pela indústria fonográfica da atualidade.

Já a Casa Grande Editora é o espaço de criação de gibis com temáticas da cultura local da região do Cariri. Além disso, é na editora que é feito todo o material de divulgação da Fundação Casa Grande, como folders, cartazes, banners dos programas e laboratórios como também dos eventos que acontecem no espaço da ONG. No caso da editora, o que mais nos chama a atenção é que as lendas e mitos, como os personagens que fazem parte deles, são a base de todas as criações da Casa Grande Editora, sejam elas os gibis ou os materiais de divulgação da ONG e dos eventos que ela realiza.

O terceiro laboratório do programa de comunicação é a TV Casa Grande. Seguindo a linha de difusão da cultura da região do Cariri, a TV Casa Grande foi mais um laboratório que teve o surgimento direcionado por uma das crianças que participavam da Fundação Casa Grande. Após acompanhar a gravação de um dos vídeos do projeto Som da Rua⁶, Samuel⁷ passou a filmar as visitas importantes que iam para a ONG. Com o tempo, a TV Casa Grande passou a ter como objetivo funcionar como um canal de TV Educativa e transmitir programação própria para a cidade de Nova Olinda, a exemplo da rádio Casa Grande FM, que funciona desde 1998 com uma programação diária das 8h às

⁵ O serviço de radiodifusão comunitária foi criado pela Lei 9.612, de 1998, regulamentada pelo Decreto 2.615 do mesmo ano. Trata-se de radiodifusão sonora, em frequência modulada (FM), de baixa potência (25 Watts) e cobertura restrita a um raio de 1km a partir da antena transmissora. Podem explorar esse serviço somente associações e fundações comunitárias sem fins lucrativos, com sede na localidade da prestação do serviço. (Ministério das Comunicações < <http://www.mec.gov.br> > Acesso em: 18/04/12).

⁶ Som da Rua é um projeto permanente da TV Zero, iniciado em 1997. Seu objetivo é registrar, sonora e visualmente, a paisagem musical das ruas brasileiras, destacando artistas de excelência que, à margem da indústria cultural e da mídia, conservam e reinventam a memória musical brasileira.

⁷ Samuel Macedo é um dos meninos que participou da ONG desde o início dela e que hoje trabalha como fotógrafo no Jornal do Cariri, na cidade do Crato.

20h. No ano 2000, por meio de uma parceria com o Unicef, foram comprados os primeiros equipamentos da TV, inclusive um transmissor, que permitiu a TV Casa Grande naquele ano a entrar no ar, experimentalmente, por três vezes, quando foi lacrada pela Agência Nacional de Telecomunicações, a Anatel. Hoje, a TV Casa Grande, equipada por meio de doações, funciona como um estúdio de produção de curtas, documentários e trilhas sonoras e conta com uma equipe formada por crianças e jovens que recebem formação nas áreas de gestão, produção, iluminação, câmera e edição. As produções da TV Casa Grande, como as produções dos demais laboratórios da ONG, enfocam a cultura local. Seja na exibição que acontece no espaço físico da Casa Grande, que veicula vídeos com o nome “100 Canal”, ou na exibição que acontece na televisão por meio de uma parceria com o Canal Futura, veiculando vídeos com o nome “Matéria Futura”, são retratados personagens e costumes da cultura do Cariri.

Sem a concessão para funcionar como TV Educativa e chegar até a casa dos moradores de Nova Olinda, o principal espaço de veiculação das produções da TV Casa Grande passou a ser o Teatro Violeta Arraes Engenho de Artes Cênicas⁸, laboratório do programa de artes integradas. O programa de artes integradas possui, além do teatro, os laboratórios de música, DVDteca⁹, gibiteca e biblioteca¹⁰ e tem como objetivo a formação de crianças e de jovens por meio da sensibilização pelas artes e a qualidade do conteúdo, incentivando a produção artística. Consideramos o programa de artes integradas o que mais dialoga com as culturas que não são exatamente a cultura local da região do Cariri. O teatro Violeta Arraes é um dos polos artísticos de festivais promovidos por instituições como o Sesc, sendo palco de exibição de espetáculos musicais e teatrais vindos de toda parte do Brasil. Já no acervo da gibiteca, da DVDteca e da biblioteca infanto-juvenil, são encontrados exemplares de gibis, filmes e livros de todo o mundo.

Na mesma época em que foi inaugurado o Teatro Violeta Arraes, em 2002, foi criada também a Cooperativa Mista de Pais e Amigos da Casa Grande, a Coopagran, que faz parte do programa de turismo comunitário. A Coopagran administra a lojinha de souvenirs e o restaurante dentro da ONG e as pousadas domiciliares¹¹ na casa das famílias dos meninos e meninas que participam da Fundação. O programa conta também com o

⁸ De acordo com informações do blog, o Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas foi inaugurado em 2002 e possui capacidade para 180 pessoas. O teatro é usado para sessões de cinema, exibição de espetáculos de música e teatro, entre várias outras atividades.

⁹ A DVDteca tem no acervo filmes europeus, asiáticos, latino-americanos, nacionais, infantil, documentários e musicais.

¹⁰ Já a biblioteca infanto-juvenil é dividida em sessões como infantil, literatura em minha casa, língua estrangeira e autores diversos.

¹¹ As pousadas domiciliares são hospedagens para visitantes incluindo café da manhã, almoço e janta na diária.

que a ONG denomina “turismo de conteúdo”, uma programação que incentiva a pesquisa e a capacitação nos laboratórios da Casa Grande e a visitação aos sítios arqueológicos e mitológicos e aos museus da região. É por meio das atividades do turismo de base comunitária da ONG Fundação Casa Grande, que tem como pilar fundamental a cultura da região do Cariri, que se desenvolve o eixo de geração de renda familiar. Mais uma vez, a cultura local é peça essencial para o desenvolvimento do programa da ONG.

Meio ambiente e Esporte são dois programas da Fundação Casa Grande que não aparecem na apresentação de Rodrigo no vídeo *Meu Olhar*, pois eles foram criados recentemente, em 2011, após a produção do primeiro vídeo. Os dois programas são frutos de uma parceria com a Fundação Nestlé, que destinou recursos para a compra de equipamentos de futebol e para a estruturação do Parque Ambiental dos Cajueiros¹². Na apresentação de Iêdo no vídeo *Casa Grande Institucional*, o programa de meio ambiente é apresentado como um programa que “estimula a responsabilidade ambiental da comunidade através da criação do Parque Ambiental dos Cajueiros com ações de educação e preservação”. O programa de esporte de rua, chamado por Iêdo no vídeo apenas como programa de esporte, é apresentado como a ocupação de espaços urbanos para a prática de futebol de rua.

Os dois últimos programas da ONG Fundação Casa Grande apresentados trazem dois elementos bem característicos da cultura local da cidade de Nova Olinda. O programa de meio ambiente foi criado para preservar o local onde teria sido o espaço central da tribo dos Kariris. Lá, encontram-se três cajueiros que, acredita-se, foram plantados ainda pelos índios. Juntamente com a casa que é sede da Fundação Casa Grande, primeira edificação da cidade, o parque conta e preserva a origem de Nova Olinda. Já o programa de esporte também ultrapassa o espaço físico da ONG com a criação do campo de futebol junto ao parque, onde crianças e adultos dão continuidade a um costume bem característico de Nova Olinda, o futebol de rua.

Os seis programas acima apresentados, hoje, são distribuídos em quatro eixos de organização da ONG: sustentabilidade financeira; educação infantil; profissionalização de jovens; e geração de renda. Os eixos de organização da estrutura da Fundação Casa Grande serão melhor trabalhados a partir da análise de qual concepção de cultura permeia todos os programas e laboratórios até aqui já descritos, discussão que faremos no tópico a seguir.

¹² No parque, foi construído um campo de futebol, em que, por meio de uma parceria com a Prefeitura de Nova Olinda, crianças das escolas públicas frequentam o campo três dias por semana no período da tarde. No período da noite, o campo fica disponível todos os dias para os times de futebol da cidade e da redondeza treinarem e organizarem campeonatos.

4.2 A concepção de cultura na atuação da ONG Fundação Casa Grande

O laboratório rádio comunitária Casa Grande FM e o projeto de formação de plateia, das atividades da Casa Grande que acompanhamos, são as duas atividades que percebemos mais detalhadamente elementos que constroem a concepção de cultura na atuação da ONG. Tomamos, então, as experiências vividas com essas duas atividades como amostragem para a concepção de cultura da Casa Grande como um todo. Tentaremos, a seguir, descrever algumas dessas experiências como elementos construtores do posicionamento da ONG Fundação Casa Grande como detentora e promotora do saber que envolve, segundo eles, a verdadeira cultura local da região do Cariri.

Ao comparar períodos distintos na história da rádio, percebemos que a programação da Casa Grande FM tem cada vez mais se distanciado das características que envolve uma rádio comunitária e se aproximado dos elementos que compõem uma rádio educativa. Esse movimento ressalta a postura da ONG Fundação Casa Grande como entidade educadora com a missão de proporcionar aos moradores da cidade onde ela se situa a oportunidade de contato com uma cultura de qualidade e que representa realmente a cultura local da região onde eles moram.

Como base para comparação que faremos, tomaremos apenas as características de participação de pessoas externas à ONG na programação e o estilo musical veiculado pela rádio. Em relação à rádio no início dos anos 2000, Oliveira (2007) descreve uma programação extensa, que vai das 6h às 20h, com participação de três locutores moradores da cidade de Nova Olinda, que não fazem parte da Fundação Casa Grande. Segundo Oliveira (2007), durante esse período, a programação da Casa Grande FM trazia cinco programas que não eram apresentados pelas crianças e pelos jovens da ONG: Soldados da Jovem Guarda e Emoções de Roberto Carlos, apresentados por Luis Alberto; Chico Petrolina e Cantores do Povo, ambos apresentados por Chico Petrolina; e Autógrafo Musical, apresentado por Cristiano. O estilo musical veiculado na Casa Grande FM, nessa época, abrangia desde ritmos musicais mais tradicionais e regionais, como o forró pé-de-serra, até os ritmos mais contemporâneos, como o Reggae e o Rap. (OLIVEIRA, 2007, p.168).

Apenas alguns anos após, em 2004 e 2005, Ximenes (2005) aponta que a programação da rádio Casa Grande FM já trazia mudanças consideráveis em relação à duração e à participação dos moradores de Nova Olinda. A duração da programação havia

diminuído de 14h para 13h, iniciando às 6h e indo até as 19h, quando era finalizada com a veiculação do terço, diretamente da igreja católica de São Sebastião, igreja matriz da cidade. Já nesse período, o terço era o único programa veiculado pela Casa Grande FM que não é apresentado pelas crianças e pelos jovens da ONG Fundação Casa Grande. Essa realidade continua nos dias atuais. Não há participação de pessoas externas à ONG na programação da rádio, e a programação agora se inicia às 8h e não mais às 6h. Apesar dessas mudanças, o estilo musical da rádio permanece. Os programas atuais trazem, segundo o julgamento dos produtores da rádio, elementos educativos. Esses elementos surgem quando a rádio se propõe a não seguir o que está na moda na indústria fonográfica e opta por músicas que, novamente segundo o julgamento dos produtores da rádio, possuem um certo nível de qualidade.

Já a proposta de formação de plateia traz elementos da postura da ONG Fundação Casa Grande como detentora de um saber já na sua definição. A definição central da proposta pode ser encontrada quando os participantes da ONG se referem a ela: “Ação e espaço no qual a comunidade desenvolve a valorização da formação intelectual através da sensibilização pelas artes” (trecho da vinheta que chama o público à participação de espetáculos no Teatro Violeta Arraes/Fundação Casa Grande, 2012). A proposta mais específica de formação de plateia surgiu no contexto da Fundação Casa Grande em 2002, quando foi inaugurado o Teatro Violeta Arraes¹³. O teatro Violeta Arraes, onde ocorrem as apresentações de espetáculos e de sessões de cinema da ONG, é apresentado como “um espaço para formação de plateia e gestores culturais nas áreas de direção de espetáculo, sonoplastia, iluminação, cenário e roadie”¹⁴.

Além de espaço para apresentações de espetáculos, o teatro Violeta Arraes também vem se configurando como local de realização de eventos para os moradores de Nova Olinda. Durante as viagens de pesquisa de campo que realizamos no último ano, presenciamos, no espaço do teatro, desde sessões de cinema para estudantes das escolas públicas, até confraternização de final de ano de cursos promovidos pelo Senac e de encontros de avaliação da gestão municipal, como o ocorrido no início do mês de maio de 2013 e reuniu todos os funcionários da Prefeitura de Nova Olinda.

¹³ De acordo com informações do blog, o Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas foi inaugurado em dezembro de 2002 e possui capacidade para 180 pessoas.

¹⁴ A apresentação consta no blog do Teatro Violeta Arraes Engenho de Artes Cênicas – www.blogdoteatrofcg.wordpress.com.

O gerente do teatro, Júnior, em suas falas em entrevista, aponta essa característica como parte da proposta de formação de plateia, uma vez que “disponibilizar o espaço com toda a infraestrutura para realização de qualquer evento que a comunidade de Nova Olinda precisar, é também uma forma de conscientizar essa plateia do valor desse espaço” (Júnior, entrevista, 2012). O Teatro é um dos principais elementos na proposta de formação de plateia da Fundação Casa Grande, por ser o lugar imediato no qual essa proposta se desenvolve, mas ele não é o único laboratório da ONG a participar da proposta. O programa de comunicação é apontado por Júnior, gerente do teatro, de grande importância para que a consciência sobre o valor do espaço do teatro chegue o maior número possível de pessoas. Assim, os três laboratórios que fazem parte do programa de comunicação da Fundação Casa Grande inserem-se na proposta de formação de plateia da ONG.

Para exemplificar apenas um dos três laboratórios do programa de comunicação, a TV Casa Grande trabalha com a divulgação, mas não exatamente dos espetáculos e sessões de cinema. A TV Casa Grande entra na proposta de formação de plateia para divulgar a cultura do cariri e, conseqüentemente, contribuir para a formação de quem assiste às produções da TV nas exibições realizadas no teatro. As produções da TV Casa Grande que são exibidas no teatro, antes dos espetáculos e das sessões de cinema, também são escolhidas no intuito de fazer com que as pessoas da comunidade, que assistam a essas produções, possam despertar, de alguma forma, para algo ainda desconhecido por elas e que haja uma absorção, mínima que seja, de parte do conteúdo.

Por um lado, ao se julgar como detentora de uma cultura de qualidade e que, conseqüentemente, deve ser proporcionada aos moradores da cidade de Nova Olinda, a Casa Grande nos traz reflexões sobre o uso instrumentalizado da cultura. Nesse caso, a ONG adota uma postura iluminista que pressupõe uma cultura intelectual próxima à concepção francesa. Por outro lado, quando valoriza a dimensão local e particular da cultura da cidade de Nova Olinda e da região do Cariri, a Fundação Casa Grande se vincula à visão mais nacionalista e particular da concepção de cultura predominante na Alemanha.

5 Considerações finais

Fizemos essas reflexões sobre o conceito de cultura e o processo de instrumentalização cultural, bem como apresentamos a ONG Fundação Casa Grande e sua proposta de mobilização cultural, para destacar que a ONG tanto adota uma visão de cultura como conhecimentos adquiridos em processos educacionais, base da perspectiva francesa

civilizatória, quanto se propõe a levar “uma boa cultura” à cidade de Nova Olinda, numa postura iluminista como o CPC e os grupos culturais atuantes nos anos 70 do século XX no Brasil. No entanto, essa visão também assume uma dimensão que destaca a cultura local nesse processo de formação cultural.

Por ora, percebemos que a ONG Fundação Casa Grande, a exemplo de boa parte das ONGs que atuam com o diálogo entre a comunicação e a cultura na atualidade, comporta-se como detentora do saber da verdadeira cultura local da região do Cariri. Compreendemos também que ela se auto-demanda a missão de repassar esse saber para os moradores da cidade de Nova Olinda. De acordo com nossa análise, essa postura da Fundação Casa Grande traz pistas da atuação da ONG e da relação que ela mantém com os moradores da cidade de Nova Olinda, onde ela está situada.

Desse modo, percebemos o papel educativo da ONG em sua importância, mas também entendemos que ele se vincula a preceitos teóricos que fundamentaram o conceito de cultura, portanto, a atuação da Fundação Casa Grande precisa ser compreendida a partir dessa totalidade e não explicada em si mesma.

REFERÊNCIAS

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru, SP: 2ª ed. EDUSC. 2002

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: 24ª ed. Jorge Zahar Ed. 2009

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Lisboa: Edições 70, 1999.

OLIVEIRA, Catarina Tereza farias de. **Escuta Sonora: Recepção e Cultura Popular nas Ondas das Rádios Comunitárias**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense. 1994

RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade Revolucionária**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007

XIMENES, Marcia Maria. **Discurso e Recepção no Rádio: um estudo sobre o programa infantil Submarino Amarelo na Casa Grande FM**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2005.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006